

O Trabalho

NO V

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 158 — Lisboa
15 DE MARÇO DE 1939

Director e Editor: Manuel da Anunciada Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.da

Redacção e Administração: R. Copelo, 5 — 2.º, Esq.
QUINZENÁRIO — Avulso \$30

Opus justitiæ pax

A Paz é fruto da Justiça! Por outras palavras: só pode haver Paz onde houver Justiça. Tal é o lema recolhido por Sua Santidade Pio XII no norte de toda a Sua acção Pontifical.

O saudoso Pontífice que faleceu e a quem já tivemos a honra de presenciar nestas colunas humilde homenagem tinha escolhido para lema do seu Pontificado estas outras palavras: Pax Christi in regno Christi — a Paz de Cristo no Reino de Cristo!

O Papa que lhe sucede na Cadeira de Pedro, talvez por inspiração divina, vem-nos esclarecer: mas a Paz só é possível pela Justiça.

Na hora conturbada que atravessamos, poder-se-ia dizer mais? Poder-se-ia escolher melhor símbolo de acção em benefício da Paz?

Sim! Sem Justiça não pode haver Paz!

Interessa-nos sobretudo a paz social, porque é aquela pela qual nos temos batido. E não estamos arrependidos de ter lutado pela Justiça. Sem ela não pode haver Paz!

A luta de classes não se propagou em virtude de uma teoria aliciante que seduziu os cérebros. A luta de classes tornou-se um facto, porque uma das classes comedia para com a outra as maiores injustiças. Quem se não recorda da situação miserável a que o liberalismo reduziu o operariado? Numa sociedade tão mal organizada, tão injusta socialmente, como seria possível defender a paz?

Hoje começam todos a reconhecer que a luta de classes é um mal, e que urge, em vez da luta, estabelecer entre operários e patrões a colaboração na harmonia e na paz.

Mas desenganemo-nos: a paz entre uns e outros, isto é, a paz social só

será possível no dia em que operários e patrões se resolverem a praticar a justiça social.

O Estado Corporativo, por sua vez, fará obra de paz na medida em que fizer obra de justiça. Muita já tem ele feito. E porque a fêz é que foi possível a manifestação do dia 27 de Fevereiro. Mas quanta justiça não falta ainda fazer?

Não vos iludais, porém, vós, operários. A paz só é possível quando os patrões se resolverem a fazer-vos justiça, é certo. Mas, se vós não praticardes também a justiça, inútil será esperardes a paz na vossa vida de operários dignificados e livres.

Também vós tendes de fazer obra de justiça. E deveis começar a praticá-la mesmo antes d'êles. Quantas vezes as injustiças que praticais não são a causa de se abortarem as nossas tentativas para melhorar a vossa situação!

Fixemos, portanto, todos e cada um de nós — Estado, Organizações corporativas, patrões, operários, deputados, jornalistas, homens de boa vontade — a verdade profunda que nos ensina o lema de Pio XII: faremos obra de paz na medida em que fizermos obra de justiça.

Ao pedir justiça para os operários, ao sermos até violentos em defesa d'êles, nós temos feito e fazemos obra de paz.

Que o digam aquêles milhares de operários que nós já trouxemos para a luz da Verdade cristã e para a fé na organização corporativa — êsses milhares de operários cujas cartas, cuja transformação, cuja conversão são a glória de todos os que neste jornal bem ou mal temos trabalhado.

A. V.

Progresso que mata

O progresso só se pode chamar progresso quando vem trazer aos homens mais pão, mais paz e mais felicidade. O progresso que sacrifica a vida do homem deve ser atestado, porque não é progresso — é mentira!

O grande desacôrdo que existe entre a nossa doutrina cristã e a doutrina do egoísmo está precisamente nisto: nós afirmamos que tudo tem de ser ordenado para o maior bem dos homens; êles afirmam que os homens não contam, desde o momento que haja mais dinheiro nos coitres, mais técnica nos maquinismos, mais saldos no fim do ano.

Não querem compreender que a vida dum homem vale mais do que todas as riquezas do mundo. E o bem supremo de cada um é de todos.

Vem isto a propósito da célebre fábrica que se está construindo na região de Santo Tirso e que, uma vez posta a funcionar, vem trazer a miséria a muitos milhares de famílias.

Segundo as estatísticas, funcionam em todo o país 275 (duzentas e setenta e cinco) fábricas de fiiação ou tecelagem de algodão. Estas duzentas e setenta e cinco fábricas dão trabalho a cerca de 60.000 operários.

O regime em que se trabalha nesta indústria é de um operário para cada tear, em regra geral.

Ora a nova fábrica já tem teares automáticos moderníssimos em que cada operário pode manejar entre 40 a 60 teares, segundo nos informam de fonte segura.

Uma vez posta a funcionar teremos fatalmente o seguinte: ou as outras fábricas adaptam imediatamente os seus maquinismos segundo o estilo da fábrica em construção (o neste caso teremos a abundância de produção e de miséria), ou não estão em condições de se poderem adaptar (como é o caso da maior parte d'êlas) e teremos muitas fábricas fechadas, muitos industriais arruinados.

Em qualquer dos casos, é inevitável o desemprego de algumas dezenas de milhar de operários.

Quanto? Se cada um agora trabalha por via de regra com um tear e há 60.000 operários, quando trabalharem com 40 a 60 teares cada um, não serão precisos nem 10.000 operários. Que se vai fazer aos outros?

A fábrica não tem ainda alvará para poder funcionar. Mas está a construir-se activamente como se o alvará já estivesse obtido ou fôsse coisa que não oferecesse dúvidas.

Nós temos confiança no Governo.

Se a indústria precisa de uma adaptação, que ela se faça segundo um método preconcebido e dentro da ordem e da justiça.

Não nos podemos conformar com a ideia de que se possa vir a fazer por capricho de uns tantos senhores endinheirados que se lembraram de vir ganhar dinheiro à custa da desordem dum industria e do desemprego de muitos milhares de operários.

Nós, repetimos. Temos confiança no Governo e nos homens responsáveis. Oxalá esta nossa confiança não venha a ser iludida.

Todos os direitos Na Indústria dos Cortumes

Um das causas principais do mal estar económico de uma indústria qualquer é, sem dúvida, o concorrência desleal que os industriais se possam fazer uns aos outros.

O mal estar reflecte-se não só na boa marcha da indústria, como no comércio.

E se a indústria representa um factor importante da economia nacional, êsse mal estar vai reflectir-se inevitavelmente na economia geral da Nação.

Mos há mais e pior: as grandes vítimas d'êste maldadado sistema são os operários, que no final de contas, são os que sofrem mais. E não só os que, em virtude da concorrência recebem salários inferiores, mas todos, porque todos sofrem quando a indústria em que trabalham não caminha bem.

É este o caso da indústria dos cortumes.

Embora na região de Alcanena e Guimarães se tenha já obtido uma certa estabilidade e equiparação de salários entre as diferentes fábricas, nada ou quasi nada influe esta estabilidade na ordem geral, porque, no Porto, grande centro desta industria, os salários entre umas fábricas e outras variam, às vezes, 60 e 70 %.

Urge tomar medidas, que aliás são reclamadas pelos próprios industriais, a fim-de se igualarem os salários.

Deixarão assim de se pagar salários de fome em algumas fábricas e lucrará com isso toda a industria e toda a Nação. Voltaremos ao assunto.

Não queremos tudo duma vez, porque isso é impossível.

Mas queremos:

- um salário justo
- um salário familiar
- caixas de previdência

Para as crianças, A INSTRUCÃO

Para os adultos, UM LAR

Para os velhos, UMA REFORMA

Para as viúvas, UMA PENSÃO

Tudo isto é a Justiça.

SÓ COM ISTO SE CONSTRÓI A FUTURA PAZ SOCIAL.

Em Cristo — único Salvador.

A INDÚSTRIA ALGODOEIRA

A nossa Co

No domingo dia 26, d em todo o País a nossa Co tiva.

Que ela seja como todas as nossas almas caio nhos, pelo arrependimento tância.

Que Cristo ao descer à n contra os corações em abai êle faça de nós o que ent

Que Cristo, o grande cr sole as nossas dores, afost sânicos e nos ponha a tr dor.

Que Cristo nos restitua a fé e nos faça mais int rosos.

Que Cristo nos dê os n ças para vencermos nesto sua e nunca deve ser nos

Que Cristo tenha compo trabalhadores que tanto sc

Que Cristo acite os n nossos dores, os nossos tral sas lutas.

Trabalhador! Ao comun to, segreda-lhe muito baix sofrido por seros trabalho. Ele que gosta que o tra mente como irmão, há-di de ti os claridades da Su conceder-te tudo quanto l

Do teu encontro com haver na alma e no corp mais alto e mais vivo.

TRABALHADORES!

Chega a 23, de regresso de Roma, o Ei Patriarca.

Vamos ao cais, ao desembarque do i dial, manifestar-lhe a gratidão da classe op eleição rápida e magnífica de Pio XII, o g fensor dos oprimidos.

Vamos em fato de ganga, em fato m fato de trabalho. Apoteose do trabalho à defesa do trabalho!

AGRADECIMENTO

Instantâ

Na impossibilidade de agradecer a tôdos os Direcções de Sindicatos Nacionais e a todos os operários que, aproveitando o sua vinça a Lisboa por ocasião da grandioso manifestação ao senhor Presidente do Conselho, nos quiseram vir trazer pessoalmente os seus cumprimentos e o seu opoio, por êste meio «O Trabalhadora a todos manifesta o seu profundo reconhecimento.

O resgate da situação por que todos trabalhámos só se tornar possível no dia em que cada um der, em sacrificio pelo bem cê todos, tudo quanto pode dar.

Avante, pois, para um mundo novo por uma familia operário nova.

Aquilo por Madrid y O próprio General Mia verno com outros para grui e os seus compar

Depois de lhes cham canalhosa o que há de nos fugir.

Quando isto sair a pt rá acontecido?

Decerto fugireim tam! Pobres dos que se abaxo, nas primeiras lin

Nêste mundo é tudo Ninguém pode ver um no corpo do vizinho. Se ce a fazer alguma coisa lam por isso ser um pó

Deixemo-lo em paz nosso caminho.

Deus é grande!

A fábrica Hermene afirma-nos ser injusta feita de despedirem ope «O Trabalhadora».

Como possuímos uma oia da Fábrica a fazer aqui deixamos, devida da, a notícia.

(Continua na 2.ª)

O 27 DE FEVEREIRO

Ficará marcando o início de uma era nova de fé nos destinos da Nação Portuguesa o dia 27 de Fevereiro.

Perante Salazar — o realizador da grande obra corporativa — algumas centenas de milhar de operários manifestaram o seu amor à justiça e à paz social, erguendo vivas à Pátria, e aos homens que a honram e dignificam.

Juntamente com êles — os homens do trabalho rude — alguns patrões, muitos patrões, aclamaram igualmente a obra já realizada, talvez orgulhosos de terem cumprido o seu dever. Vimos por lá também outros que talvez um remorso de consciência os levasse à manifestação. Em qualquer dos casos, foi bom que tivessem ido.

Algumas lições, porém, queremos tirar daquela multidão que se agitou à volta de Salazar, que o aclamou, que se sentiu feliz porque o viu.

Ouvimos alguns berrar muito. Notámos, com espanto, que nem sempre os que mais gritaram foram os que mais se sacrificaram pela vida nova. E havia-os de todos — operários e patrões, funcionários e mirones.

Alguma lam contentes, nos calados. E reparando no seu rosto, reconhecemos a figura de alguns que tudo têm realizado pela organização sindical.

O que é certo é que, no meio daquele

mar do gento, passava uma aragem nova, uma vida nova, uma esperança nova.

Houve quem quisesse ver naquela manifestação uma resposta a tocos aquêles que, por amor da Justiça, se impacientam por uma maior justiça social e por ela sacrificam até a sua própria honra. Seria desconhecer o sentido profundo das realidades e o ânimo da alma operária tirar semelhante conclusão. É êste desconhecimento é mais lamentável quando existe naquelles que tem mais ocasião, pelas suas funções patronais ou outras, de saber o que se passou na alma cê quantos all foram, ao Terreiro do Paço, no dia 27 de Fevereiro.

Não! Aquela manifestação não foi contra ninguém. Foi por Portugal, por Salazar e por todos os bons obreiros de uma Nação dignificada na justiça e na paz.

Os descrentes tiveram ocasião de observar a sem razão da sua descrença. Os crentes reanimaram o sua fé. Os que trabalharam puceram orgulhar-se do fruto do seu trabalho e do seu sacrificio. Os que puderam fazer mais e se desleixaram all encontraram o justo castigo, naquela multidão ansiosa de paz e de justiça.

Povo trabalhador! Cumpriste o teu dever! Deus pagará a tua fé nos destinos de um futuro mais humano e mais criatório para a nossa Pátria!